UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE DE MONTENEGRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

CINARA PRISCILA DORNELES RAMOS

MINHA COR ME REPRESENTA:

Uma pesquisa poética a partir da leitura imagética da memória

MONTENEGRO
2018

CINARA PRISCILA DORNELES RAMOS

MINHA COR ME REPRESENTA:

Uma pesquisa poética a partir da leitura imagética da memória

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª. Drª. Juzelia de Moraes Silveira

MONTENEGRO

2018

Dedico este trabalho à minha tia Maria Leniza Dorneles Esteves (*in memorian*). Ela foi a primeira educadora negra do município de Caçapava do Sul, onde exerceu o magistério por vinte e sete anos. Por este motivo, foi homenageada pelo município, por meio da Coordenadoria de Políticas Raciais, como destaque em educação e influência racial e recebeu o primeiro Prêmio Maria Leniza Dorneles Esteves. Desde então, tal prêmio agracia os professores das escolas públicas que promovem projetos de inclusão da Cultura Negra.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram de uma forma ou outra no decorrer dessa jornada.
A Deus pelo dom da vida e do ensino.
Às minhas filhas que estiveram comigo em todas as minhas conquistas.
À minha mãe por não desistir de mim.
Às minhas professoras e professores da graduação que me incentivaram a prosseguir com o curso com suas palavras de apoio e principalmente com a dedicação destinada a mim como aluna.
À UERGS por me proporcionar a conclusão de mais uma graduação.
Ao Autor da vida.

“Como me olhar no espelho e não questionar os estereótipos a que somos submetidos?”

Rosana Paulino (2010).

RESUMO

Pensando no lugar que ocupo como mulher negra na sociedade atual, muitas reflexões surgem. Algumas em relação ao fato de ser mulher, outras sobre ser mulher negra. Iniciar uma escrita falando de como me percebo enquanto mulher negra não é muito difícil. Mas, começar escrevendo sobre como cheguei até aqui, isto sim se torna um pouco complicado, pois, para falar sobre este tema, preciso voltar ao passado e perceber como tudo foi construído até aqui. Por este motivo, proponho nesta produção artística a criação de autorretratos, utilizando fotografias analógicas e alguns artefatos que marcaram minhas vivências e minha história, com pessoas pelos quais eu convivi ao longo da vida, e que têm significados e sentidos afetivos para mim. Ao construir estas colagens em uma produção poética, construo, então, autorretratos com algumas recordações em fotos minhas e de familiares, juntando objetos obtidos em acervos pessoais. Manifesto por meio de fotografias questões relacionadas à mulher negra, à sociedade e ao lugar em que me encontro nela, evocando no espectador suas próprias memórias familiares e afetivas, e buscando a criação de um afrontamento do passado que se repeti no presente com estas imagens, promovendo uma inquietação e reflexão sobre como a mulher negra ocupa seu espaço na sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Negra. Memória. Autorretrato.

ABSTRACT

Thinking about the place I occupy as a black woman in today's society, many reflections arise, some regarding the fact of being a woman, others about being a black woman. Starting a writing talking about how I perceive myself as a black woman is not very difficult. But to begin by writing about how I got here, this does become a bit complicated, because to talk about this, I need to go back to the past and realize how everything was built up here. For this reason, I propose in this artistic production the creation of self-portraits, using analogical photographs and some artifacts that marked my experiences and my history, with people that I have lived with throughout life, and who have affective meanings and senses for me. By constructing these collages in a poetic production, I then construct self-portraits with some recollections in photos of myself and family, joining objects obtained in personal collections. Manifest by means of photographs questions related to the black woman, to the society and to the place where I am in her, evoking in the spectator her own familiar and affective memories, and seeking the creation of a confrontation of the past that was repeated in the present with these images, promoting a concern and reflection on how black women occupy their space in society.

Key words: Woman. Black. Memory. Self-portrait.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Adriana Varejão - Ex-votos e Peles.....12
Figura 02: Angélica Dass-Humanae.....13
Figura 03: Mariana Valente - Autorretrato.....17
Figura 04: Colagem com fotos e objetos.....18
Figura 05: Infância - primeiro ano de escola.....20
Figura 06: Laços de sangue, laços de cor.....21
Figura 07: Mulheres.....22
Figura 08: Liisa Hietanem, Escultura em fibra, crochê e trico, 2018.....23
Figura 09: Lembranças do passado.....24
Figura 10: Magistério.....25
Figura 11: Luto.....26
Figura 12: Autorretrato; construção de identidade.....28
Figura 13: Infância, 2018, Fotografia.....33
Figura14: Pat Ward Williams, “Accused/Blowtorch/Padlock”.....34
Figura 15, Sou menina, 2018, Fotografia.....35
Figura 16: Rosana Paulino/Parede da Memória.....36
Figura 17: Memória afetiva, 2018, Fotografia.....37
Figura 18: Meninas negras brincam com bonecas brancas, 2018, Fotografia.....38
Figura 19: Luz e Sombra, 2018, Fotografia.....39
Figura 20: Iêda Marques, Coberta de Flores.....40
Figura 21: A Diferença é só o Tom da Pele, 2018, Fotografia.....42
Figura 22: Lugar de Fala, 2018, Fotografia.....44
Figura 23: Sequência/Fragmentos de um autorretrato, 2018, Fotografia.....45
Figura 24: Exposição, Apresentação do TCC.....48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 MISTURA ÉTNICA, FAMÍLIA A BASE DA SOCIEDADE 100
2.1 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE 10
2.2 LUGAR QUE OCUPO NA SOCIEDADE HOJE..... 14
3 REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS E EMBASAMENTO TEÓRICO 166
3.1 COLAGEM E FOTOGRAFIA 166
3.2 MEMÓRIA 288
4 PENSAR ARTÍSTICO DO AUTORRETRATO 30
4.1 AUTORRETRATO..... 30
4.2.a PROCESSO ARTÍSTICO 31
4.2.b APRESENTAÇÃO FINAL DO TRABALHO.....32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 466
6 EXPOSIÇÃO: APRESENTAÇÃO DO TCC.....48
7 REFERÊNCIAS..... 49

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, proponho-me entender a construção da identidade da mulher negra na sociedade atual, buscando identificar os locais que ocupa na sociedade contemporânea e o autorreconhecimento como mulher negra. Tenho por objetivo central produzir um trabalho artístico partindo de questionamentos sobre a identidade da mulher negra, seu posicionamento na sociedade e o espaço que ela ocupa, com base nas minhas experiências pessoais e nas observações sobre minha constituição de mulher negra.

Buscando materiais para a realização deste trabalho, experimentei diversas técnicas e linguagens e, a partir destas, tive a oportunidade de refinar meu processo poético-artístico, o que foi essencial para meu crescimento enquanto artista.

Ao longo das etapas vivenciadas, o autorretrato se mostrou como ponto central para desenvolver aspectos concernentes ao conceito de identidade, o qual permeia todo o meu trabalho, seja a partir de um autorretrato em tecido ou de colagens e composições de fotografias para a construção da produção final do mesmo.

Essa monografia é composta por quatro capítulos. O primeiro se trata de um capítulo introdutório, em que desenvolvo uma breve explicação sobre meu processo de construção de pesquisa; a busca por matérias que pudessem comportar minha proposta; e a escolha de artistas que fizessem referências ao meu trabalho e também autores que entrelaçam suas escritas com minhas reflexões sobre o tema.

No capítulo dois, faço uma exposição sobre a mistura étnica e família como a base da sociedade, tendo como subtítulos: *construção de identidade e lugar que ocupo na sociedade hoje.* Pontuo momentos marcantes da minha história, enquanto mulher negra, tecendo questões sobre a identidade como viés para a produção do trabalho artístico proposto. Além disso, há uma narrativa desde a infância até o momento atual, enquanto mulher negra, e a maneira como tais questões provocam aquilo que proponho para minha investigação artista.

Ainda no segundo capítulo, com a intenção de apresentar a base inicial do processo poético artístico, realizo dois relatos que se complementam e estão interligados entre si: o primeiro quanto à estrutura familiar, pensando em questões

referentes à etnia, partindo do olhar histórico familiar, e que foram potencializadores no processo artístico; e o segundo com referências artísticas que influenciaram a construção enquanto artista, que tive acesso ao longo da graduação.

Subdivido o capítulo três, referências artísticas e embasamento teórico, nos seguintes tópicos: colagem de fotografia; coleção de objetos; memória. Em “colagem de fotografia” e “coleção de objetos”, busco apresentar a evolução do processo poético artístico, as diversas experimentações realizadas através da técnica da colagem, o uso da fotografia de familiares no trabalho, e as composições geradas na busca de explorar as potencialidades dos materiais em diálogo com as temáticas. Ainda neste tópico, apresento alguns artistas que também se utilizam da colagem de fotografia para a construção de suas obras e que me foram referências. Sobre o conceito “memória”, cito alguns artistas que tratam sobre este tema em suas obras, bem como trago autores que embasam minhas reflexões sobre o tema.

Por fim, no quarto capítulo, intitulado “*Pensar artístico do autorretrato”,* trato sobre o pensamento artístico, o processo de criação, as técnicas utilizadas, as artistas referências que também se utilizam deste material em suas produções - dos mais diversos modos. Relato também sobre a técnica de transparência que realizei com papel vegetal e sobre a transição do meu trabalho para a fotografia, dado os resultados obtidos com o tecido. Concluo este capítulo falando sobre o processo final artístico do autorretrato e o modo de apresentação do mesmo para o trabalho de conclusão do curso.

2 MISTURA ÉTNICA, FAMÍLIA A BASE DA SOCIEDADE

2.1 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Revendo alguns fatos pessoais, lembro-me inicialmente da infância e de como sentia-me sendo “àquela menina negra” no meio de pessoas brancas, adultos e crianças. Estas pessoas brancas aos quais refiro são alguns familiares por parte de mãe: tios, tias, primos, primas e minha avó materna.

A pluralidade racial é uma característica brasileira e, sendo assim, é possível

que existam nas famílias, em uma mesma geração, diferentes tons de peles e de cabelos, gerando dúvidas, e até mesmo estranhamento, quanto à árvore genealógica e aos laços de sangue em quem está fora desse círculo familiar. Esta miscigenação é algo que me deixa interessada, pois vejo que é possível em uma mesma família duas pessoas de etnias diferentes gerarem filhos biologicamente distintos entre si, mas com um contexto familiar único. Fazer parte dessa mistura de raças e perceber isso no meio social em que me encontro, fez-me refletir sobre este tema: a construção da identidade da mulher negra e a busca por referências para tal processo. E nesta busca, encontro em Stuart Hall um conceito sobre identidade, no qual ele fala que a identidade é algo complexo, que não é único e que está em constante mutação. Segundo o autor, existe uma variação de identidade (gênero, raça, social, étnica, ideológica, etc.), relata:

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que (SIC) os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.5).

A mistura de raças também é um tema recorrente em produções artísticas. Dentre os artistas que abordam este tema, destaco a obra de Adriana Varejão e de sua produção artística chamada “Ex-Votos e Peles” (1993), figura 01, em que a artista criou tintas em cima dos cento e trinta e seis tons de pele apurados pelo Censo do IBGE realizado em 1976 no Brasil. Na época, esta era uma questão aberta, em que o entrevistado declarava a cor de pele que percebia ter, gerando, portanto, esse número elevado e diferenciado de tons de pele. Com as tintas “inventadas”, criadas em cimas das cores percebidas no Censo, a artista produziu 33 (trinta e três) autorretratos e coloriu cada um destes com cores de peles distintas, buscando refletir as várias tonalidades que a compunham como pessoa.

Figura 01: Adriana Varejão - Ex-votos e Peles

Fotografia da artista Adriana Varejão em sua exposição intitulada “Ex-Votos e Peles”
Fonte: Estadão (2014)

Outra artista contemporânea que trabalha utilizando-se da mesma temática é Angélica Dass. A artista possui um trabalho muito marcante sobre este tema, denominado “Somos além de pretos e brancos” (Angélica Dass – 2013), no qual cria uma paleta de cores com tons de peles obtidos a partir da fotografia que tirou e catalogou de todos os possíveis tons de peles das pessoas entrevistadas por ela. O trabalho desta artista vem ao encontro de alguns questionamentos a respeito da mistura de etnias nas famílias brasileiras. Inclusive, tais questionamentos e a composição artística da artista referencia a base poética para o presente trabalho artístico. Onde nele abordo sobre a cor e também a mistura étnica, seu trabalho evidencia este tema onde ela , a artista, cria cores denominadas por pessoas e faz delas as pinturas de uma série de autorretratos. Em meu trabalho me utilizo desse pensamento quando abordo a minha mistura étnica familiar.

Figura 02: Angélica Dass-Humanae

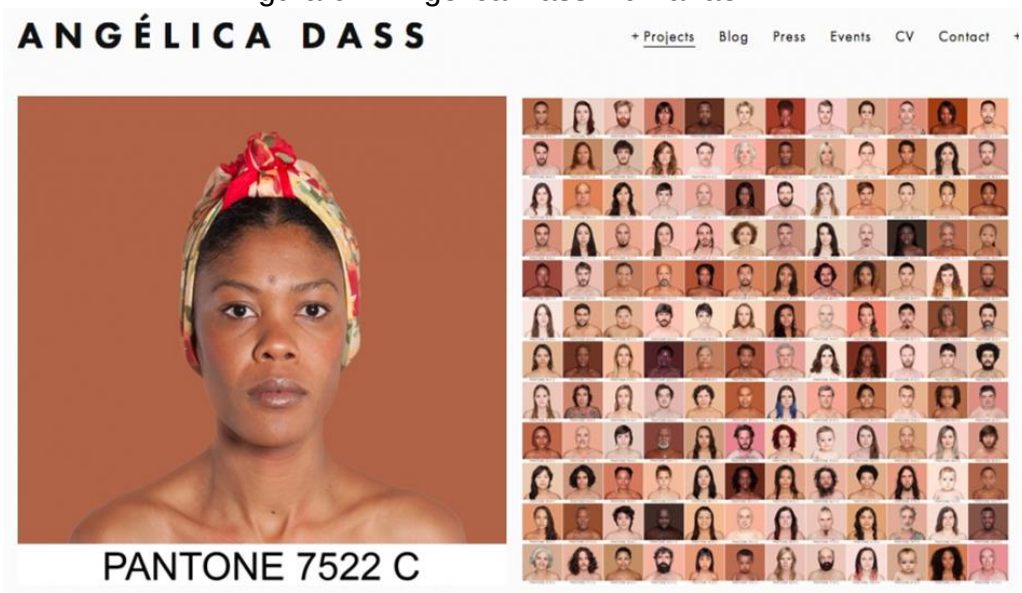


Foto publicada no blog Cultura Brasil, sobre a Exposição Angélica Dass – Humanae

Buscando no passado, em relatos familiares a constituição étnica do tom de pele que possuo, foram encontradas duas etnias distintas: a alemã, por parte materna, e a afro, por parte paterna. A partir destes dados, dá-se início a esta produção, com algumas fotografias e artefatos que fazem referência a esta mistura. Numa das proposições, é agregada uma foto de infância da presente autora, em preto e branco, à foto da minha avó materna, com um pequeno livro com capa de couro envelhecido, o qual ela tinha o costume de usar para fazer suas rezas na língua alemã. Associado a isso, há algumas flores em crochê, fazendo referência aos dotes domésticos que ela impunha para cada neta, fato este que se estende até a adolescência.

Nesta fase, então, as questões que me inquietaram foram: “Como serão meus filhos?” “Quem eu vou escolher pra casar?” e “Qual será a participação da família nesta escolha?”. São questões às quais eu acreditava serem normais para uma jovem negra, cuja a mistura étnica se faz presente na família. O tom da pele, a condição de mulher negra, o fato de olhar no espelho e se ver em um mundo que muitas vezes se revela preconceituoso e quase sempre hostil, muitas vezes é um desafio diário. Aceitar ou não as regras impostas por um padrão de beleza ou comportamento estipulado pela sociedade como sendo o correto traz muito preconceito velado ou não. Discutir estes padrões será romper um ciclo histórico de

desigualdade. A obra de Dass, trazendo os diferentes tons de pele que compõe a sociedade, reafirma o contexto anteriormente relatado e cria um contraponto entre a arte criada por Dass e a realidade que existe em nossa sociedade, fazendo do presente trabalho não uma poética social.

Partindo dessa relação entre a poética e a sociedade, encontro uma referência sobre a identidade feminina negra, no site da revista Geledes, 1993:

> A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais, se construirá uma identidade social para esses diferentes indivíduos, homens, mulheres, brancos e negros. E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos e psicológicos. (Geledes, p.9).

A identidade feminina hoje é um projeto em construção que passa do modelo estereotipado de mulher do lar para uma mulher que busca seu espaço, que levanta sua bandeira e luta pelos seus direitos. Aqui refiro-me às mulheres brancas, pois as mulheres negras fazem parte de outro contingente de mulheres que buscam outros interesses como: ocupar seu espaço na sociedade, ser igualada e desmistificar algumas falas sobre a mulher negra de a mesma não nasceu para servir e não ser servida. Buscando construir sua identidade, a mulher negra passa a lutar pela multiculturalidade e a pluralidade racial, fazendo com que as diferenças sejam vividas com igualdade e não mais inferioridade

2.2 LUGAR QUE OCUPO NA SOCIEDADE HOJE

A luta da mulher negra passa ainda por vários setores da sociedade e, buscando ocupar seu lugar, ela vem se percebendo como autora de suas próprias conquistas e fazendo dessas seu lugar de fala. Djamila Ribeiro, 2017, em um trecho de seu livro, relata justamente como que as diferenças não são impeditivas. Não precisamos ser negros para falar de racismo, podemos e devemos falar do outro ocupando o lugar dele, nos colocando em seu lugar e fazendo com que sua luta seja a nossa também. Ribeiro diz: *"*Como junto com as nossas diferenças, a gente consegue pensar em um projeto maior e não usar mais a diferença para nos

separar? Porque diferente nós somos.” (RIBEIRO, 2017). E é a isto que me refiro quando falo em construir minha história. Ser diferente todos somos, seja no tom da pele, no pensamento ou no modo de agir, assim sendo, não é a nossa diferença que deveria nos atrapalhar, como pessoa, e limitar algumas ações e conquistas, pois justamente esta diferença pode ser utilizada como potencializador de nossas conquistas. Outra autora que discute sobre a representatividade da mulher negra na sociedade é Renata Felinto, diz que:

> Falar de si, desta cor que é amada e detestada, de como é acolhida ou não pelo mundo circundante nos corpos de homens e de mulheres, dos mecanismos de exclusão matematicamente calculados aos longos dos quinhentos anos de contato como o mundo ao qual chamamos ocidental e do qual somos crias, refletir sobre tais questões e outras mais complexas, tem sido o objetivo de muitos artistas. Colocar em dúvida, não aceitar, perturbar, cutucar, repelir, etc; são os verbos que podem ser agregados a estas ações de manifesto estética muito elaborada. (FELINTO, 2014).

Fazendo um recorte na fala de Renata Felinto, visualizo que a criação de um autorretrato pode ser interpretada como uma forma de autoconhecimento e fortalecimento de uma identidade visual própria, criando relações com a imagem e a escrita, e também uma tentativa de representatividade. Ao longo deste trabalho, também crio autorretratos a partir da minha experiência de vida e da minha presença como mulher negra, fazendo uma reflexão sobre quem é a mulher negra contemporânea.

Desse modo, percebo que minha identidade negra é plural e única, dado que ocupou diversos lugares dentre a sociedade contemporânea. Plural, pois a partir de minha origem estabeleci a construção do trabalho artístico, somado às referências visuais de diversas artistas que pude ter acesso ao longo do processo de criação deste trabalho. E única, visto que a partir das minhas diferenças estruturei um pensamento poético e artístico que tem por característica a criação de um trabalho autoral e representativo sobre a identidade da mulher negra hoje e o lugar que ela ocupa.

O que vem a ser o lugar de fala? O conceito de lugar de fala foi usado pela ativista feminista negra Patricia Hill Collins,(O que é lugar de fala?,1980,p. 61) e representa a busca pelo fim da mediação: as pessoas que sofrem preconceito falam

por si, como protagonistas da própria luta e movimento. A diferença entre lugar de fala e representatividade é que, na prática, representatividade é alguém ou uma organização que representa uma pessoa ou um grupo.

E qual o lugar de fala da mulher negra nas Artes Visuais? Buscando referências, encontro Rosana Paulino, que em suas obras representa não só a mulher negra, mas faz referência ao seu passado e aos familiares, e se utiliza de materiais diversos para construções de suas obras em que se discute, além do racismo, a escravidão, os padrões de beleza feminino negro e, sobre tudo, a condição da mulher negra na sociedade. Alguns de seus trabalhos apresento durante este processo de escrita, fazendo referências aos que produzi para o trabalho final. E, sobre o lugar de fala, Paulino, 2015, diz: "...no meu caso, tocaram-me sempre as questões referentes à minha condição de mulher e negra." (TNM, 2015), falando também sobre suas produções e utilização de materiais para as mesmas.

Outras artistas negras que também buscam seu lugar de fala nas artes visuais são: Sonia Gomes, MG; Yêdamaria, 1932, Bahia; Maria Amélia da Silva, 1924, PB; Ana das Carrancas, 1923, PE; Renata Felinto, SP; Tainá Lima (Criola), SP; Ana Maria Sena, umas das criadoras do *Afronta,*SP; Michelle Matiuzzi, Bahia; Luna Monquelat Aabenhaim (fotografa); entre outras que estão ocupando seu espaço no sistema da arte.

3 REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS E EMBASAMENTO TEÓRICO

3.1 COLAGEM E FOTOGRAFIA

Durante o processo de colagem, realizei algumas experimentações. Na primeira, a partir de uma seleção de fotografias de meus familiares mais próximos, fiz fotocópia em preto e branco e recortei todos em seu contorno excluindo as bordas das fotos fazendo, uma colagem aleatória sem preocupação de que estas estivessem sobrepostas umas às outras. Busquei transmitir a ideia de unidade nesta junção de fotos, criando um momento em que o passado e o presente se entrelaçam, fazendo com que a temporalidade na construção transforme a colagem de fotos em algo cheio

de significado poético e proporcionando aos que a observam uma leitura visual individual da imagem criada.

A colagem é uma técnica de criação artística que consiste em organizar uma composição (uma tela, por exemplo), não em função das leis da reprodução, mas pela combinação de elementos separados de toda a espécie, cuja unidade se faz por justaposição progressiva[1]. Esta experimentação inicial foi importante para fundamentar as obras futuras. Após feita a primeira experimentação com a colagem das fotos encontrei algumas referências artísticas que usassem como base em suas produções colagens de elementos. Uma artista que se utiliza da colagem e da fotografia para fazer autorretratos é Mariana Valente, criando uma composição de novas imagens a partir da mescla de fotos antigas e novos elementos que retira de revistas e catálogos. Esta mistura de materiais em que a artista se propõe vem ao encontro do que eu procuro produzir no meu trabalho final. Na imagem agrego, além de fotos antigas, objetos tridimensionais para compor uma nova imagem criando fotografias.

Na figura 03, mostro a obra da artista que, por meio de diversos elementos e uma fotografia própria, acaba por compor seu autorretrato.

Figura 03: Mariana Valente - Autorretrato

Autorretrato 500x500cm - artista Mariana Valente, fotografia e colagem.

[1] Texto oferecido na cadeira de Poéticas do Processo na graduação em Artes visuais em 2016, pela professora Mariana Silva da Silva.

Buscando ligar-me simbolicamente aos elementos que remetem ao ambiente familiar e fazem desse um resgate memorial de minhas raízes, atuando em minha construção identitária, crio uma leitura visual única através dessa fotografia . Percebo, então, que existem outras formas de realizar um autorretrato, agregando a fotografia e outros objetos para compor uma nova imagem, mesmo que esta não esteja explicitamente representada, mas cria uma visão que conecta à imagem a ser referenciada. Busco referências artísticas sobre este processo e encontro na mesma artista[2], Mariana Valente, em algumas de suas colagens, a técnica própria de utilização de materiais diversos que são estruturados de modo a gerar uma colagem tridimensional. Em seus trabalhos, a artista remete a uma estética lúdica para criar uma falsa nostalgia em cima de um passado não existente, desconhecido, onde ela agrega elementos diversos subjetivos ao universo feminino, e faz de seus trabalhos uma conexão de modo a representar fragmentos de sua memória.

Figura 04: Colagem com fotos e objetos

Mariana Valente – Memorabilia - colagem 3D

Assim, a partir deste trabalho, inicio uma produção na qual utilizo fotografias e materiais do acervo da família, criando uma fotografia através da composição de elementos diversos. Estes elementos também estão relacionados às características

[2] Estes trabalhos da artista Mariana Valente compõem a "Memorabilia, colagem 3D", uma série de peças únicas criadas a partir da agregação de materiais recortados e colados e também de objetos retirados de antiquários e sebos, criando uma falsa nostalgia, em cima de um passado não existente, desconhecido. Fonte:<https://www.colab55.com/blog/pinceladas-c0m-com-collage-vallente>

da minha personalidade; à trajetória como mulher negra na sociedade; aos momentos pelos quais vivenciei e também eles potencializam a mistura étnica entre meus pais, abordando alguns questionamentos sobre gênero e raça.

A primeira foto que colo é uma foto registrada na escola no meu primeiro ano, buscando remeter minha infância. Esta foto possui algo marcante, pois quando algumas pessoas a viam, pensavam que se tratava de uma foto do meu irmão, uma vez que meus cabelos, nesta época, eram curtos e bem encaracolados assim como os dele. Minha mãe não tinha muito o entendimento de como arrumar um cabelo crespo de menina, visto que o seu e de suas irmãs menores eram lisos, então para ela seria muito mais fácil manter os meus cabelos curtos. Para resolver este fato, que me deixava em alguns momentos triste, eu acrescentei à minha foto um laço de fita.

Chimamanda Ngozi Adichie, 2017, em seu livro *Para Educar Crianças Feministas,* cita que: “Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade.” (Adichie N., p.28). Após agregar este laço na foto, percebo que, já na infância, fazer-me representar como mulher era algo predominante, porque, mesmo me reconhecendo como tal, certos questionamentos ainda existiam referentes às minhas características.

Figura 05: Infância - primeiro ano de escola

Foto do acervo pessoal, 1980

Partindo dessa foto, utilizei algumas tiras em couro em tons próximos à minha pele e a de meu pai, unindo nossas fotos por estas linhas. Em seguida, faço uma conexão entre mim e meus pais, pensado nesse laço que nos une como família de sangue, de cor e, principalmente, um laço emocional.

Figura 06: Laços de sangue, laços de cor

Laço utilizado para me representar como menina e fios de couro em tons marrons unindo-me aos meus pais

Figura 07: Mulheres

Conexão entre as mulheres da minha família, fotos acervo pessoal.

Agregando a esta colagem a foto de minha avó materna, faço uma aproximação com minha vida profissional, pois a minha avó, em suas sábias palavras, dizia-me que “para ser respeitada como mulher, você tem que estudar”. E foi ouvindo seus conselhos que me formei no magistério. Junto à foto da minha avó (figura 9)**,** acrescento algumas flores de crochê, fazendo alusão às práticas domésticas ensinadas às meninas no passado e que hoje as mulheres e os homens usam como artesanato. Faço também referência a algumas artistas que se utilizam

desse material em suas obras. Uma delas é Liisa Hietanen, que cria esculturas de pessoas em tamanho real feitas de crochê.

Figura 08: Liisa Hietanem, Escultura em fibra, crochê e trico, 2018

Fonte: https://www.buzzfeed.com/clairedelouraille/this-woman-knits-and-crochets-full-sized-people-and-theyre

A artista relata que: "Eu faço esculturas de crochê e tricô. A técnica se tornou um modo de pensar. É contínua e presente e permite que um retrato encontre lentamente seu caráter [...]. Estou retratando o momento presente, retratando o meu próprio arredores, mas ao mesmo tempo estou trazendo algo comum a todos nós ". (Hietanem, 2018)

Figura 09: Lembranças do passado

Foto de minha avó materna com intervenção de flores em crochê

Fazendo alusão à minha escolha profissional e a uma das minhas conquistas, acrescento uma foto da minha formatura do magistério, em que recebo meu certificado e uma rosa vermelha. Observo que esta rosa vermelha faz uma referência à mulher. Para alguns, tal flor é o símbolo da pureza, mas também pode significar energia, força e determinação. Estes são alguns adjetivos que muitas mulheres recebem no decorrer de suas vidas. Chimamanda N. Adichie, em seu livro no qual fala sobre a mulher e o lugar em que ela se encontra, relata que: “Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo; vão ajudá-la a se expressar, vão ajudá-la em tudo que ela quiser ser”. (ADICHIE, 2017).

Figura 10: Magistério

Foto da entrega do certificado de Magistério, 1998, acervo pessoal

Criando mais um fragmento em minha colagem, acrescento uma foto encoberta por um véu preto. Pretendo aqui representar a minha condição de viúva. O véu simboliza um momento marcante do meu passado, que relembrei ao longo desta construção e que influenciou na minha transformação como mulher. Por baixo do véu, coloco uma foto minha em que estou com os cabelos lisos devido ao alisamento químico. Naquele contexto social, eu precisava mudar minha aparência para me adequar ao padrão da época e, por isso, alisei o meu cabelo. A foto foi colocada embaixo do véu para representar o período de luto e minha tentativa de me esconder e disfarçar minhas raízes, representadas na foto ao fundo em preto e branco, em que revela meus cabelos crespos.

Figura 11: Luto

Foto com o véu representando-me como mulher viúva.

Procurando agregar um nível a mais em minha profissão, fui em busca de uma graduação que me desse a oportunidade de me refletir como mulher e, mais do que isto, de fazer meu reconhecimento como mulher negra. A busca por locais onde isto fosse totalmente possível gerou muitas reflexões sobre: Onde estão as mulheres hoje na sociedade? Quais cursos são frequentados por mulheres nas universidades? As mulheres estão conseguindo ocupar seu lugar de direito? E que lugares são estes? Foi então que ingressei no curso de Licenciatura em Artes visuais e, como professora, objetivei buscar, além de um nível superior, a

proficiência de transmitir e de trocar experiências com aqueles que me rodeavam. A educadora Ana Mae Barbosa faz uma reflexão interessante sobre o ensino da arte. Segundo ela, não é possível entender a história de um país se não compreender a arte. Ela lembra que as mulheres artistas foram apagadas da história da arte brasileira e só a partir do Modernismo elas passam a ter visibilidade. Anita Malfatti e Tarsila do Amaral romperam com aquilo que a sociedade esperava das mulheres artistas da época, que eram as pinturas de paisagens e temas religiosos. Ana Mae Barbosa faz uma reflexão sobre as mulheres nas artes visuais dizendo: “A grande produção das mulheres nas artes visuais hoje no Brasil tem paulatinamente incorporado as conquistas femininas, mas o medo de ser considerada feminista ainda ronda as mulheres artistas” (OLIVEIRA, 2018). Pensando nestas palavras de Barbosa, e no que a arte pode me proporcionar enquanto artista e educadora, percebendo a necessidade de compreender o processo artístico e criativo do meu trabalho de conclusão de curso, vejo na colagem um potencializador para novos entendimentos e percepções que vão além da foto física e de meu próprio autorretrato. Percebi que a poética dessa criação expandiu a visão em relação a construção de um autorretrato e da representatividade a qual buscava.

Por isso, parto para a construção de um novo e final processo de produção de autorretrato, utilizando novos elementos que me representam como mulher negra, abordando questões étnicas, familiares, construção de gênero e ainda memória visual. A seguir, na figura 11, explícito o trabalho no qual me referenciei ao longo deste subcapítulo.

Figura 12: Autorretrato; construção de identidade

Resultado final da colagem

3.2 MEMÓRIA

Busco questionar o conceito de memória, não partindo somente da minha, mas apropriando-me de alguns objetos e fotografias que reproduzem no outro uma nova história a partir do seu olhar de espectador. Um dos objetivos da minha produção artística é resgatar a memória e nela fazer-me conhecer como mulher negra, reposicionando a minha identidade e reavaliando o percurso da vida. Com

isto, oportunizo ao outro a lembrança de uma memória existente e recordada ao fazer a leitura visual do meu trabalho.

Para Boltanski (2015), a arte é fazer perguntas, questionamentos do mundo e da vida. O espectador, ao reconhecer objetos familiares e contar histórias particulares, faz com que a obra de arte seja universal. A pessoa pode se ver e pensar *"isto é a minha vida"*, e falar dos seus sentimentos. Muitas vezes, lembramos mais das fotos do que da pessoa, e é dessa forma que o mundo digital nos ajuda a trocar informações e, consequentemente, memórias.

Objetos e imagens, reconhecíveis ao espectador em uma obra de arte, tendem a ser, para algumas pessoas que a observa, motivos de questionamentos, pois elas podem chegar a pensar que a obra exposta está contando a sua história e é isto o que arte faz, fala de um sentimento que todos conhecem. Considero que a construção da imagem parte da memória daquele que se propõe em construir por meio de seus conhecimentos e de sua visão sobre a arte, algo além do que se pode ser observado. Construir um autorretrato é colocar-se diante de um espelho para observar não só a forma física, mas tudo aquilo que se refere ao que pode ser visto pelo outro em relação a si. Annateresa Fabris, em seu livro *Identidade Virtuais*, fala sobre esta análise que se faz quando se cria um autorretrato. A autora diz: *"O que o espelho lhe revela afinal é o outro que existe dentro dele, ou outro que tem seu semblante e seu corpo, mas que poderia ser qualquer um." (FABRIS, pg. 134, 2004).* Fabris reporta-se ao espelho, mas o que a fotografia não é senão o espelho para aquele que a observa?

A memória visual é um dos sentidos importantes do ser humano, pois por meio dele se recebe tudo o que se está ao redor. Nela é feita a associação de imagens e é onde se cria recordações do que é observado. Durante a construção do meu trabalho, minhas memórias são afloradas enquanto faço a escolha das fotografias e dos objetos para construir minhas colagens e depois fotografar. O tempo nos proporciona este momento de fazer com que a nossa memória afetiva e visual estabeleça uma relação próxima a nostalgia, provocando sensações de saudade e de carência, mas também momentos prazerosos e alegres.

4 PENSAR ARTÍSTICO DO AUTORRETRATO

4.1 AUTORRETRATO

Ao produzir um autorretrato, busco não apenas fazer uma autobiografia, mas deixar que, por meio da imagem construída, a leitura visual da mesma criando ao espectador uma memória visual. Com a união de elementos, a fotografia e os objetos diversos do acervo pessoal, pretendo criar uma colagem tridimensional que, após produzida e fotografada, crie uma nova imagem bidimensional.

Dessa forma, busco o conceito de retrato e autorretrato para um embasamento teórico do meu trabalho. O termo “retrato” provém do latim *retratctuns,* que significa “tirar para fora”, “copiar”. É a representação de uma figura individual ou em grupo, elaborada partir de documentos, de modelos vivos, de fotografia ou com auxilio da memória. Na história da arte, o retrato possui grande importância. Na antiguidade, aqueles que possuíam maior status social, almejavam ter a própria imagem retratada. Para isso, contratavam pintores. No século XV, o retrato era considerado um gênero independente e isto tornou possível a representação de modelos em seu nível social. Hoje o retrato tem como objetivo, na arte, representar, além do real, o imaginário visto pelo fotógrafo. Annateresa Fabris, em seu livro Identidade Virtuais, referindo-se à fotografias estáticas no caso de documentos, diz:

> O retrato fotográfico é, sem dúvida, o agente dessa concepção, que transpõe a identidade para o âmbito de uma norma de identificação. Diante dela todos se assemelham porque desapareceu a outra face da identidade, a alteridade. (FABRIS, 2004, p. 180).

E é este tipo de imagem, a estática de retratos, que procuro produzir quando crio minhas composições, utilizando nelas elementos que, ao serem fotografados, crie a sensação não de movimento, mas também de volume com a sobra obtida com a posição da lente da fotógrafa.

O autorretrato é uma imagem representativa da individualidade de seu autor, é uma forma de expressar social, política e emocionalmente, partindo do contexto de cada um. A consolidação do autorretrato no meio artístico veio a partir do

Renascimento. Desde então, o autorretrato passa ser produzido pictoricamente de maneira realista e idealizada, até porque, neste momento, a fotografia ainda não existia. Alguns questionamentos da época se faziam presentes, como: “Por que deixar sua imagem gravada para o futuro?”. E, para alguns autores, a autoimagem teria o poder de prolongar e manter algo vivo, gravando para o futuro características referentes ao próprio artista; uma forma de fazer lembrar, ser observado, indicar seus gostos, padrões e status. Criando os meus autorretratos, proponho, além de me fazer representada, criar uma visibilidade pessoal e artística, tornando-me referência aos olhos dos que observam minhas composições em suas memórias visuais afetivas e, ao mesmo tempo, me representar socialmente como mulher negra nos espaços que ocupo e ocupei na sociedade.

4.2.a PROCESSO ARTÍSTICO

Ao iniciar o processo final da produção artística do presente Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, construo um acervo de fotografias e elementos pessoais, os quais vinha guardando no decorrer do tempo da graduação por acreditar ser importante a utilização em trabalhos futuros. Pensando na criação do meu autorretrato, busquei elementos que me representam e que, ao mesmo tempo, possam fazer com que o espectador se reconheça por meio da minha história, ao usar objetos reconhecíveis e familiares. Por intermédio da arte, os sentimentos podem ser refletidos e entendidos. A criação de autorretratos em meu trabalho tem o sentido de me representar como mulher e contar a minha história na sociedade e a minha representação como mulher negra, além de fazer deste autorretrato algo reflexivo, provocando sensações no espectador. Crio autorretratos não com o intuito de autobiografia apenas, mas, como disse anteriormente, como uma composição de fatos que me fizeram chegar até onde cheguei hoje. É uma construção de identidade feminina negra e, sobretudo, a reunião de muitas memórias e lembranças do passado. Eu fiz com que eu me constituísse como mulher e dessa forma me representasse socialmente em um espaço público, como a galeria onde será apresentado o trabalho final.

4.2.b APRESENTAÇÃO FINAL DO TRABALHO

Como apresentação final da produção artística, criei uma série de fotografias no tamanho A2 (42x59.4 cm) em aplicação em papel Canson. Este papel me foi indicado pela professora Mariana Silva. Após alguns testes de impressão, fiquei satisfeita com o resultado e então decidi utilizar esse material para a impressão das fotos.

Esta série de fotografias é composta por oito colagens, sendo, então, quatro painéis no tamanho A2 (42 x 59.4cm). Para fixá-los na parede, será utilizado grampos de segurar papel e pregos. Proponho este tamanho para que os panéis possam ser dispostos lado a lado, dando a intenção de um grande painel atemporal, não tendo uma sequência cronológica das fotos. Dessa forma, o espectador ao ,visualizá-los, tenha uma leitura imagética dos fatos ocorridos e lhe remeta uma memória

Não pensei em emoldurar as minhas imagens. Para mim, a moldura faz com que a imagem fique presa naquele espaço delimitado, e isto não condiz com o que pretendo passar para o espectador. A intenção é de uma imagem livre, sem obstáculos, assim como são a memória e a lembrança, assim como eu me encontro hoje: construindo minha identidade como mulher negra.

A apresentação do trabalho artístico será feita na Galeria Loide Schwambach da Fundarte em Montenegro/RS.

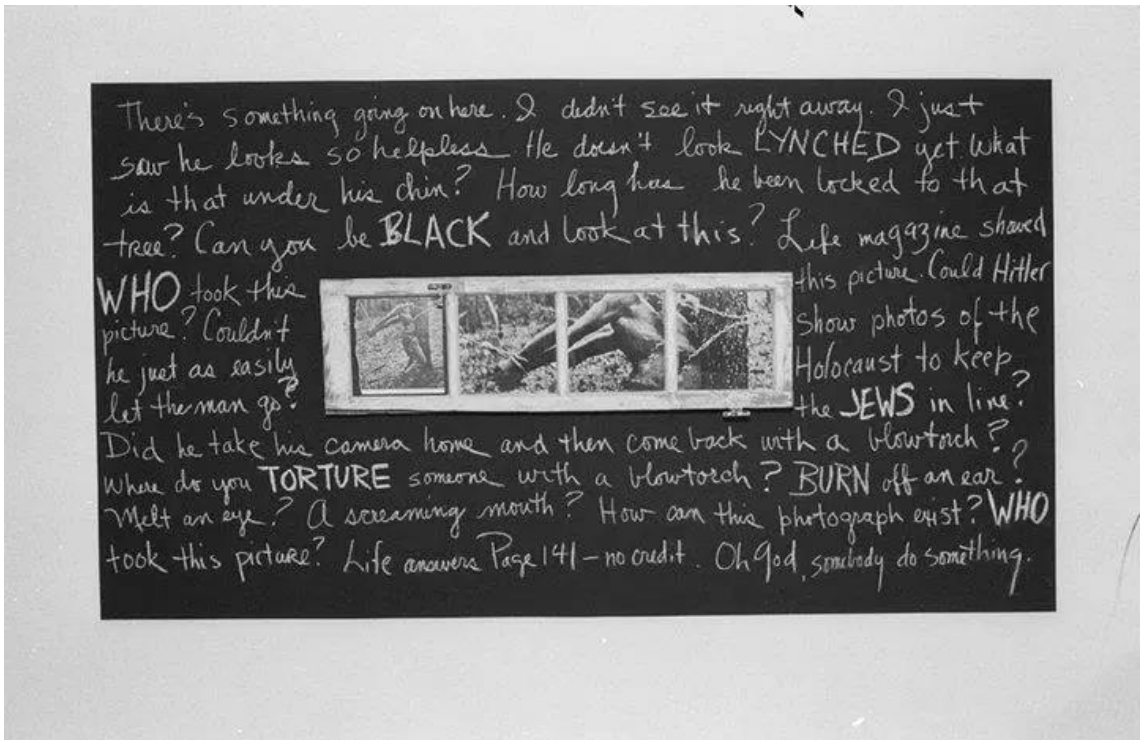
Na minha primeira fotografia, pensando em agrupar elementos de uma infância passada, representada por um artefato antigo, colorido e desgastado, há uma fotografia em preto e branco de uma criança que não representa gênero definido, agregando um elemento atual para fazer um contraponto entre o passado e presente. Representando de uma forma abstrata e pictórica, a imagem foi recriada para fazer com que dela surjam questionamentos a respeito dos elementos apresentados nesta fotografia.

Figura 13: Infância, 2018, Fotografia

Fonte: Acervo pessoal. Fotografia: passado e presente / objetos e fotografia

A colagem surgiu no início do século XX, entre os surrealistas e os dadaístas. Mas no século XXI, a modernidade e o uso de aparelhos tecnológicos com o poder de captar imagens nítidas e de criar composições visuais com maior visibilidade, fizeram da colagem de fotografia uma nova linguagem artística. Neste sentido, na minha proposição artística, crio uma série de fotografias, nas quais produzo, em forma de autorretrato, uma série de novas fotografias, em que utilizo colagens de fotografias e objetos de acervo pessoal, para me fazer representada visualmente. Ao buscar referências em artistas contemporâneas para a criação do meu projeto, encontrei Pat Ward Williams, 1986, que procura sair da fotografia original criando sobre uma superfície escolhida por ela uma colagem com materiais e fotografias que fazem parte da história. Depois de prontas, suas colagens produzem imagens diversas, unindo o passado e o presente, história e imaginação.

Figura14: Pat Ward Williams, “Accused/Blowtorch/Padlock”



“Accused/Blowtorch/Padlock”, 1986, wood, tar paper, gelatin silver prints, film positive, paper, pastel, and metal, overall: 61 13/16 × 108 1/4 × 3 in. (157 × 275 × 7.6 cm)

Nesta obra, Pat Ward Williams apresenta uma fotografia de um negro amarrado em uma árvore. A foto foi tirada de uma edição de 1937 da revista “Life”, na qual a artista escreve: “Quem fez esta foto?” e “Como esta foto pode existir?”. Seu trabalho, que combina fotografia, materiais encontrados e texto, prende o espectador naquilo que vê e em suas próprias associações da história. Fazendo um paralelo entre a obra de Pat Williams e o que escrevo neste trabalho, pretendo tecer relações históricas visuais com meu passado e provocar questionamentos sobre as imagens criadas através da fotografia com meu presente.

Com este intuito, apresento mais uma colagem onde organizo objetos que foram importantes na minha infância e na relação que tive com meu pai. Junto a eles, agrego duas fotografias: uma em tamanho maior e em preto e branco, dando uma simbologia ao passado, e a outra menor e colorida, na qual me represento como menina. Esta última possui uma marca muito forte em minha infância, pois as pessoas próximas a mim, ao vê-la, me confundiam com meu irmão. E para resolver

isto, colo então um laço de fita sobre a foto em meu cabelo. Fazendo também referência ao laço afetivo com meu pai, coloquei algumas linhas em couro em dois tons diferentes, uma mais clara e a outra mais escura, remetendo a união étnica de nossa família. Utilizo nesta colagem um instrumento musical o qual convivi durante toda a minha infância. Coloco as baquetas sobre minha cabeça fazendo menção ao que sempre ouvi do meu pai, que era militar, que a música, o estudo e a presença dele eram autoridades maiores dentro de casa.

Em sua tese, Rosana Paulino, 2011, exemplifica sobre o uso de materiais que, simbolicamente, fazem com que seu trabalho poético tenha um sentido de resgate de memória, e, com este mesmo intuito, agrego esses elementos à minha colagem. Paulino diz:

> "[...] Ligar-me, de maneira simbólica, ao ambiente do qual provenho resgatando e trabalhando assim algumas raízes que me levaram a ser quem eu sou e ajudaram, de certa forma a forjar minha poética." (Paulino,2012, p 22).

Figura 15, Sou menina, 2018, Fotografia

Fonte: acervo pessoal. Fotografia: Laços que me representam/ Afeto paterno

Pensar em criar algo que me represente por meio da imagem, um autorretrato que não apenas me reproduza, mas que faça com que a minha imagem seja vista através da imagem apresentada, mexeu não somente com a minha memória, mas com algo que estava implícito em mim. Desconstruir como pessoa e reconstruir uma imagem nova recorrendo à colagem, a construção de cada uma das imagens reportou-me a um passado que existiu, mas que tem sido resgatado a cada composição criada.

Rosana Paulino, em uma de suas obras chamada *Parede da Memória*, se utiliza de materiais que remetem sua memória afetiva, com a intenção de ligar-se não apenas simbolicamente, mas também fisicamente com componentes da família e das origens socioculturais das quais deriva.

Figura 16: Rosana Paulino/Parede da Memória

Parede da Memória. Microfibra, xerox, linha, algodão e aquarela. Dimensão do trabalho montado: variável. Dimensão dos objetos: aproximadamente 8,0 x 8,0 cm cada elemento. 1994.

Nesta obra, Rosana Paulino não coloca a sua imagem, mas a de seus familiares e representa com objetos, neste caso, patuás[3], algo da sua memória de infância, que faz a representação da sua família.

[3] Patuás, origem da religião católicas são pequenos escapulários que guardam objetos ou imagens dentro. Estes pequenos "bentinhos" através de medalhinhas guardam relíquias ou imagens consagradas pelo padre dentro.

Na construção da colagem em que me refiro à etnia alemã, originada da minha avó materna, alguns elementos são fortemente percebidos e até mesmo referenciados como algo religioso. Colocando sobre a fotografia em preto e branco um pequeno livro velho, de capa de couro, já se desfazendo pelo tempo de uso e com a escrita “Cantor Cristão”, faço uma referência ao passado religioso ao qual tive acesso na infância e que me influenciou até os dias de hoje. A escolha desse objeto pretende produzir ao espectador questionamentos sobre religião e cultura mestiça, sendo minha etnia por parte de pai negra e de mãe alemã. Junto a esta fotografia, uma outra no tamanho menor e colorida da minha avó, e ainda algumas flores em crochê que faço referência ao fazer manual da mulher da época que foi passado de mãe pra filha. A mistura de elementos nesta colagem cria uma visão de nostalgia e agrega ao autorretrato elementos subjetivos ao espectador.

Figura 17: Memória afetiva, 2018, Fotografia

Fonte: Acervo pessoal. Fotografia preto e branco com objetos que remetem ao passado/ “Cantor Cristão”, flores de crochê

Questionando sobre qual o papel a mulher tem ocupado na sociedade hoje, crio uma colagem na qual agrego dois elementos principais: o primeiro, a fotografia, uma colorida e a outra em preto e branco quase desbotada; o segundo elemento é uma boneca antiga com o rosto de porcelana já quebrado, fazendo referência a um brinquedo antigo. Busco com esta produção a representação feminina negra, na qual as mulheres apresentadas na fotografia são negras, mas a boneca cria os questionamentos: “Meninas negras brincam com bonecas brancas? Por que eu não tive bonecas negras?”.

Figura 18: Meninas negras brincam com bonecas brancas, 2018, Fotografia

Fonte: acervo pessoal. Fotografia colorida e em preto e branco/boneca antiga de porcelana com o rosto quebrado.

Reflito sobre a utilização dos elementos pessoas em minhas colagens para que estes me representem e, a este pensamento, agrego a boneca de porcelana, para compor a produção e fazer referência a minha infância juntamente com uma foto. Durante a minha pesquisa teórica, encontro no livro *Culturas Africanas e Afro–Brasileiras em Sala de Aula*, organizado por Renata Felinto, uma citação de Rosana

Paulino (1967), que trata especificamente sobre a representação da sua infância em suas obras. Felinto diz:

> Minha infância está presente em meus trabalhos. Fatos como se perceber negra e não ter nenhuma boneca negra com a qual pudesse me identificar olhar as bonecas e princesas e ver que entre elas não havia nenhuma negra, as famílias nos comercias e livros escolares tudo isto foi chamando minha atenção e me levando a discutir o motivo desta invisibilidade negra . (FELINTO, 2012, p. 89).

Na próxima produção, construo uma colagem o qual denomino *Luz e Sombras*. Uso este nome para referenciar um passado no qual muito se foi construído e de uma forma inusitada se desfez. Utilizo, para me representar, duas fotos do meu casamento (as trocas de alianças entre duas pessoas de etnias diferentes), e, junto a elas, uma foto menor em preto branco da minha mãe assinando o livro no cartório ao casar-se com meu pai. Próximo a estas fotos, coloco uma aliança e um galho de flores secas. Uma aliança apenas pra representar dois casamentos desfeitos: um pelo destino, e o outro por escolha de ambos os cônjuges. A luz aqui é o casamento, e a sombra, a aliança desfeita entre os casais.

Figura 19: Luz e Sombra, 2018, Fotografia

Fonte: Acervo pessoal. Fotografia coloridas e preto e branco/aliança e flor seca

Ao construir estas colagens, busco referências sobre a memória afetiva na fotografia e encontro uma fala do curador Diógenes Moura, que fez uma curadoria na exposição intitulada *A Arte da Lembrança - A Saudade na Fotografia Brasileira*, com obras da década de 1930 e 2014, realizada no Itaú Cultural em janeiro de 2015. Moura a respeito da exposição fala:

> Algo de nós está ali, contido na mancha fotográfica: um destino, um desejo, uma perda, uma palavra que pronunciada será incapaz de percorrer o caminho de volta, um suspiro, a garganta das coisas.Sintomas dos quais surgiria, extraído desde sua dormência, tudo o que existiu e não mais existe, presente e já passado, presente apesar de sua ausência. (Moura, Diógenes, 2015).[4]

Neste sentido, reporto-me ao passado e faço da colagem com objetos uma forma de autorretrato, incorporando-me na construção da nova imagem. Abaixo, apresento a obra de Iêda Marques, citada como referência da minha produção. A obra *Coberta de Flores*, da artista, tem o intuito de provocar no espectador uma lembrança de algo que já existiu por intermédio do que se é apresentado na fotografia construída por ela. Faço, então, um entrelaçamento da obra de Iêda Marques com a minha produção.

Figura 20: Iêda Marques, Coberta de Flores

[4] Texto retirado do site ItaúCultural, A Arte de Lembrança - A Saudade na fotografia Brasileira - em 08/01/2015 < site: www. itaucultural.org.br/a-arte-da-lembranca

Coberta de Flores, 2013, pigmento mineral sobre papel algodão 46x70cm-coleção da artista

Sobre a memória ainda, Michel de Certeau (1994) afirma que:

> [...] seja qual for a memória, elas são tocadas pelas circunstâncias [...] essas escrituras invisíveis (aquilo que recordamos) só são claramente lembradas por novas circunstâncias. Essa escritura ordinária e secreta sairia aos poucos, onde fosse atingida pelos toques. (CERTEAU, 1994, p.163).

Durante o processo de escolha de fotografias e objetos para compor minha próxima colagem, algumas circunstâncias me tocaram e me fizeram voltar aos momentos da minha história e das experiências vividas cheias de significados. Construindo a próxima colagem, a qual denomino *A Diferença é só Tom da Pele,* uso duas fotografias em preto e branco. Nelas estão minhas duas filhas, uma loira de olhos azuis e a outra negra. Nas duas fotografias em preto e branco não se percebe o tom da pele das duas, a cor dos olhos e nem mesmo a cor dos cabelos. Na fotografia em preto e branco, a composição inteira se sustenta no contraste entre as cores e os tons de cinza dos elementos. As sombras são mais importantes do que nunca, e costumam definir as formas do que está iluminado (AMORIM, 2018). Em uma das fotos, é usado o tom sépia, que dá um tom mais amarronzado na fotografia, formando uma imagem monocromática. Retrato-me nesta imagem/colagem, no instante em que mesclo estas duas fotos, pois minhas filhas resultaram da mistura entre duas etnias, criando, assim, meu autorretrato. Ainda agrego nesta composição dois objetos distintos: o primeiro, uma estrela do mar, fazendo alusão ao mar por onde o povo escravo chegou ao Brasil e dois bonecos nas cores preto e branca, referenciando a minha mistura étnica familiar.

Figura 21: A Diferença é só o Tom da Pele, 2018, Fotografia

Fonte: Acervo pessoal. Fotografia em preto e branco e sépia e objetos referenciando a mistura étnica familiar

Referenciando esta mistura de tons de pele nas artes visuais, trago a artista Angélica Dass, 2013, citada no início desse trabalho pela obra *Somos além de preto e branco,* na qual cria uma paleta de cores com tons de peles obtidos a partir de fotografias que tirou e catalogou a partir das pessoas entrevistadas por ela. O objetivo final do projeto, além de fotografar, registrar e catalogar todas as cores possíveis obtidas a partir da tonalidade das peles das pessoas, permitiu criar um inventário cromático. O trabalho dessa artista vem ao encontro de alguns questionamentos sobre a mistura étnicas nas famílias brasileiras. E é sobre esta mistura que falo nesta composição apresentada acima, na qual me represento por meio das imagens inseridas associadas aos objetos escolhidos para compor a colagem.

Finalizo minha produção com uma colagem que denomino *Lugar de Fala,* que representa, não só um autorretrato, mas a construção de duas histórias. A primeira da mulher que teve sua luta social alavancada ao construir uma família com misturas

étnicas em uma sociedade retrógrada, em que a cor da pele e a escolha de vida eram coisas controladas pela família .A segunda história, a mulher a qual me reporto faz dessa luta algo referencial para a construção de seu caráter e para buscar o seu lugar na sociedade. Retomando a história do passado, ao construir meu autorretrato, buscando em acervos pessoais, encontro um álbum fotográfico que minha mãe, muito dedicada e atenciosa, organizou para mim. Folheando este álbum, vejo uma foto antiga dela na escola e, esta foto então me faz retornar às lembranças de quando decidi cursar o magistério. Agrego a esta composição fotos da conclusão do curso, a foto da minha mãe aos 13 anos cursando o 4º ano, em 1963, e uma foto que sela um ciclo iniciado na minha infância e persistentemente levado por mim até hoje, que foi a entrega do certificado da conclusão do curso de magistério. Ligado a isso, a fotografia do abraço dado pela minha mãe depois da cerimônia, algo marcante na minha vida. O objeto colocado nesta colagem é a carteirinha de estudante da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, UERGS, onde estou concluindo o curso de Licenciatura em Artes Visuais. Este objeto representa o meu lugar de fala. Mas, o que é o lugar de fala? Onde é o meu lugar de fala? Qual lugar de fala eu, mulher negra, ocupo na sociedade hoje? Sobre este assunto, Djamila Ribeiro, 2017, explica:

> Todos os caminhos percorridos até aqui foram importantes para que pudéssemos ter um maior entendimento do que é lugar de fala. O lugar social que as mulheres negras ocupam, e o modo pelo qual é possível tirar proveito disso, nos apresenta uma trilha interessante […] (Ribeiro, 2017, p. 55).

Os caminhos que me fizeram chegar até este lugar que ocupo hoje foram caminhos escolhidos por mim e influenciados por algumas pessoas próximas, mas direcionados pelo desejo de chegar a algum lugar.

Figura 22: Lugar de Fala, 2018, Fotografia

Fonte: Acervo pessoal. Fotografias e objetos

Meus autorretratos vão além da imagem abordada, refere-se à memória, às lembranças e aos desejos abstratos ou explícitos nas colagens apresentadas. Ainda citando Djamila, “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz experiências distintas e outras perspectivas” (2017, p.69). Sobre este lugar social, refiro-me aos lugares que estive presente como mulher, como mulher negra e também como profissional. Foram estes lugares que me fizeram pensar nas diferenças existentes entre gênero, raça e credo. Não é porque me encontro em um lugar que se diz “lugar de branco” - se é que este lugar hoje existe? - que eu vou me sentir inferiorizada. Não mais. Não agora com tudo que busquei construir com minha identidade negra e com a produção desse trabalho.

Após concluir as colagens, construo uma nova produção, com fragmentos de imagens recortadas, para compor a série, buscando a ideia de trazer ao espectador mais um momento de reflexão sobre a memória e a lembrança. Pode-se ligar a memória a uma experiência do corte fracionado da continuidade, um corte este que

pode ser feito pelo próprio artista, ao manipular um instrumento fotográfico, sem negar a existência de um tempo contínuo, pois existe uma possibilidade de uma memória no mundo. Só é possível acessar as vivências da lembrança ou da memória porque estamos fora delas, isto quer dizer, já passamos por estas vivências e lembranças. As imagens fotográficas nos trazem lembranças atemporais e nos possibilita viver momentos selecionados por nós quando realizados por um percurso de tempo. Abaixo seguem alguns fragmentos selecionados por mim para construir esta nova colagem.

Figura 23: Sequência/Fragmentos de um autorretrato, 2018, Fotografia

Fonte: Acervo pessoal. Fragmentos fotográficos das colagens realizadas/ autorretrato

Capturar em uma fotografia e eternizar um instante ou um fragmento de tempo e espaço faz dela um objeto a ser contemplado. Para Kossoy, 2001:

> [...] uma única imagem contém em si um inventário de informações; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida." (Kossoy, 2001, p.101).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao fim do meu processo de criação, depois de reunir fotografias, objetos, memórias, lembranças e também partindo das minhas experiências pessoais , enquanto mulher negra, em que crio uma produção para que não apenas me represente, mas mostre a percepção gerada por mim sobre quem eu sou enquanto mulher negra na sociedade que me encontro. Construir um projeto para falar de si e representar-se em uma imagem requer, além de muita pesquisa sobre seu passado, algo que faça da sua imagem uma nova imagem na arte. Foi isso que pretendi com a construção dessas montagens, fazer da minha imagem e dos objetos agregados a elas não apenas uma representação, mas uma construção de uma identidade feminina negra.

Durante meu processo de criação, a cada fotografia colocada e a cada objeto agregado, muitas lembranças me vinham, e eu percebia a importância dessa

construção ao relatar minhas vivências e minhas experiências do passado. A ação de escolha e a colocação de cada um dos elementos da fotografia faziam com que as minhas memórias retornassem em vindas e idas ao passado e ao presente, e, nestes momentos, às vezes, traziam-me desconforto. No decorrer deste processo, alguns acontecimentos me fizeram retomar lembranças e levantar questionamentos sobre: “Quem sou nesta sociedade hoje? Qual o lugar que ocupo? Será que apenas a imagem estática em uma fotografia revela quem a pessoa é? Qual a importância da arte neste entendimento de memória e de lembrança afetiva?”. Chego ao fim desse processo com alguns questionamentos, mas também com muitas certezas, de que meu papel como artista neste momento é fazer da minha arte uma agente transformadora e questionadora de pensamentos para aqueles que a observa. Agrego em minhas produções alguns elementos que referenciam à minha raça e, mais do que isto, àquilo que eu acredito.

Ao passar por muitos processos artísticos durante o meu período de graduação, busquei na fotografia a maneira de me representar. A fotógrafa, Kellen Santos, constitui cada composição criada por mim, já previamente estipulada, mas fazendo com que cada ângulo e movimento criado durante as montagens das fotos fossem feitos de maneira que a composição pudesse comtemplar aquilo que eu gostaria que fosse representado nas minhas colagens. Toda esta organização e produção contribuem para a construção do meu projeto. Além disso, despertou em mim um interesse muito grande sobre sua constituição, entender como ela contribui com a arte e o seu funcionamento, e a utilização dela na criação da imagem me fez sair da minha zona de conforto, que é o desenho manual e colorido.

Após finalizar as minhas produções, percebo que, durante todo o meu processo de criação e escrita, muitas coisas me foram questionadas, dentre elas sobre meu trabalho ser autobiográfico. Sobre isso, busquei muitas referências e percebi que alguns artistas, os quais cito neste trabalho, utilizaram-se de experiências pessoais para a construção de suas obras. Talvez de uma forma mais sutil do que a minha proposta, mas de igual foram referenciando em situações cotidianas e familiares para que em suas obras, de uma maneira ou outra, estivessem representados. Muitos outros artistas também me foram apresentados durante meu processo, mas que, apesar da importância artística, não se fizeram

entrelaçar com os meus pensamentos ou não tinham muito a contribuir com a minha proposta.

Meu trabalho final foge da proposta inicial, que era representar mulheres negras na sociedade, mulheres que se fazem presente nos meios em que me encontro, social, familiar e profissional. Mas acredito que a partir desse projeto inicial e durante todo o processo de construção do meu trabalho final de curso, muitas coisas me foram acrescentadas e fizeram com que o alavancasse positivamente.

A criação dos autorretratos eram a ideia inicial do projeto e se manteve durante toda a pesquisa feita. Mas, para que este tema fosse desenvolvido de uma forma que não se tornasse apenas mais uma produção autobiográfica, muitos caminhos foram percorridos, muitos textos foram lidos e além da orientação recebida. Assim, chego ao fim do meu trabalho com uma série de fotografias as quais não apenas me representam, mas fazem delas a construção de uma identidade feminina negra.

6 EXPOSIÇÃO: APRESENTAÇÃO DO TCC

Após conversar com a orientadora e a professora Mariana Silva, decidi expor meu trabalho em uma parede inteira da galeria, com as fotografias dispostas na posição horizontal, lado a lado. Utilizei grampos de papel (os quais pintei com tinta spray branca, pois os mesmos eram na cor preta e, com a parede branca, iriam se destacar) e, para fixação, utilizei pregos. Abaixo, as fotos tiradas após a apresentação da banca pela professora Mariane Rotter.

Figura 24: Exposição, Apresentação do TCC

Fonte: Fotografia tirada por Mariane Rotter

7 REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Para Educar Crianças Feministas.** In: C. N. Adichie, Para Educar Crianças Femininas (p. 34). Sao Paulo: Campanhia das Letras, 2017.

AMORIM, B. **Desenvolvimentos de pessoas criativas**. 2018. Disponível em: <http://betoamorim.com/sete-dicas-de-como-produzir-fotografias-em-preto-e-branco-de-alta-qualidade>. Acesso em: 15 nov. 2018

BISPO, A. A. **Culturas Africanas e Afro- Brasileiras em Sala de Aula**. In: R. Felinto, Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em Sala de Aula (p. 89). Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. **O que é lugar de fala**? RIBEIRO, Djamila.(p.61) Belo Horizonte, MG. 2017.

FABRIS, A. **Identidades Virtuais**: Uma leitura do Retrato Fotográfico. In: A. Fabris, Identidades Virtuais - Uma leitura do Retrato Fotográfico (p. 154). Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FABRIS, A. **Identidades Virtuais**: Uma Leitura do Retrato Fotográfico. In: 2004, Identidades Virtuais - Uma Leitura do Retrato Fotográfico (p. 180). Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FELINTO, R. **Sobre Arte e Coisas da Arte.** 2014. Disponível em: <renatafelinto-coisasdaarte.blogspot.com>. Acesso em: 30 set. 2018

Hietanem, L. Disponível em: <https://liisahietanen.squarespace.com> Acesso em: 17 nov. 2018

OLIVEIRA, G. **As mulheres, a arte e a invisibilidade**. Revista Pólen. Disponível em: <https://revistapolen.com/as-mulheres-a-arte-e-a-invisibilidade/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. In: SOVIK, Liv (Org.). Representação da UNESCO no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KOSSOY, Borris. **Fotografia& história**. 2 ed. Revista São Paulo Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Dulcinéia da Conceição, **Cultura Africana e Afro-Brasileira em Sala de Aula:** Saberes para Professores Fazeres para Alunos. Belo Horizonte. MG. 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG. 2017.

CULTURAL. Itaú. **A Arte da Lembrança:** a saudade na fotografia brasileira. 2015. Disponível em: <http://www.itaucultural.otg.br/a-arte-da-lembranca>. Acesso em: 08 out.2018

DASS. Angélica. **Somos além de Branco e Preto.** 2013 Disponível em: <http//www.angelicadass.com/humanae-work-in-progress/>. Acesso em: 29 set. 2018.

FELINTO. Renata. **Sobre Arte e Coisas da Arte**: Por enquanto, é o fim!. 2014. Disponível em: <http://renatafelinto-coisasdaarte-blogspot.com/>. Acesso em 30 set. 2018.

GERMANO. Beta, **Gemada - Entrevistamos Christian Boltanski.** 2015. Disponível em: <http://casavogue.globo.com/>. Acesso em: 08 nov. 2018.

GELEDES. **Museus prestigiam artistas negras que história a esqueceu.** 2017. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/museu-pretigiam-artistas-negras-que-historia-esqueceu/>. Acesso em: 06 out. 2018

GNT, Canal. **Djamila Ribeiro é a convidada do saia Justa e fala sobre o lugar de fala do outro e a diferença das pessoas.** 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?y=AINEmjM4Ki4&t=351s>. Acesso em: 29 set. 2018.

PAULINO, Rosana. **Bastidores. Imagem transferidas sobre tecido, bastidores e linha de costura.** 1997. Disponível em: <http;//www.rosanapaulino.com.br/blog/galeria/>. Acesso em: 30 set. 2018.

ROSA. Clarice. **Fotografia e arte.** 2010. Disponível em: <http://fotografiafacil.wordpress.com/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

PAULINO. Rosana. **IMAGENS DE SOMBRAS**. 2011.